

Nada a dizer, muito a mostrar – A cyber imprensa nas manifestações de Junho de 2013: uma relação com filme O quarto poder

Uilk Henriques Miranda¹

Matheus Velozo²

Albert Drummond³

O Quarto Poder, originalmente intitulado **Mad City**, é um filme norte-americano de 1997, dirigido por Costa-Gavras, com roteiro de Tom Matthews e produção de Ane e Arnold Kopelson. De acordo com o enredo, na cidade de Madeline, Califórnia, o repórter de televisão Max Brackett (Dustin Hoffman) e sua assistente Laurie (Mia Kirshner) faziam uma cobertura jornalística sem grande importância em um museu de história natural, pois Brackett, que no passado fora um profissional respeitado, amargava uma baixa na carreira. No mesmo instante, o ex-segurança Sam Baily (John Travolta) entra no museu a fim de recuperar seu emprego. Armado e confuso, ele faz reféns a todos que estão no local.

Neste ponto, as histórias de Baily e Brackett se cruzam e, a partir daí, o jornalista tenta, de todas as formas, transformar o fato em um evento jornalístico de repercussão. Para isso, ele se torna “uma espécie de conselheiro” de Sam, postura essa que confere às suas ações uma aparente inocência.

Brackett, que inicialmente associara a imagem de Baily à de um homem mal, é o mesmo que, mais tarde, obtém êxito alterando a opinião pública ao tentar provar que o segurança era apenas um homem comum, e não um sequestrador.

Aos poucos, ele se torna a ligação de Sam com o mundo exterior e seu negociador indireto, pois possui certa liberdade para ir e vir e, além disso, conhece tanto os passos das redes de televisão quanto os da polícia, conseguindo evitar, em parte, a invasão ao museu.

Por fim, após o adquirir certo poder sobre as decisões de Sam, o repórter é deixado de lado, pois o sequestrador resolve falar e agir por si mesmo. Isso faz com que a visão do público em relação ao evento também se altere. Tudo se agrava quando o segurança Cliff Williams (Bill Nunn) que durante o desenrolar dos

¹ Graduando em História pela PUC de Minas.

² Graduando em História pela PUC de Minas.

³ Professor Orientador.

acontecimentos estava em uma cama de hospital, falece devido há um tiro acidental disparado por Baily.

Nesse ponto da trama, o público já relativiza os fatos e, enquanto alguns apoiam, outros atacam as ações de Sam. Até mesmo Brackett passa a ser visto como um agitador, graças a uma notícia exibida por um colega de trabalho. Nas últimas cenas, Baily liberta a todos os reféns e tira a própria vida, utilizando explosivos que havia levado ao local. Assustado, Brackett é cercado por uma multidão de fotógrafos, jornalistas e câmeras.

Refletindo sobre os fatos narrados, chega-se à conclusão de que o filme de Costa-Gavras é claramente uma crítica à mídia jornalística (nomeada por Thomas Macaulay, em 1828, como "O quarto poder"), pois deixa explícito o quão forte é o seu poder de influência sobre a chamada opinião pública e suas consequências. O último diálogo do filme é a mais evidência dessa afirmação. Enquanto Brackett grita a todos "Nós matamos ele", os jornalistas não descansam. Querem entrevistas e buscam esmiuçar cada detalhe do caso para torná-lo consumível e rentável.

Nesta resenha, pretendemos aproximar o relato fictício do filme a um fato real observado durante as manifestações ocorridas em Junho de 2013, comparando-os, pois, pudemos verificar que ambos apresentam três etapas de movimento da imprensa muito semelhantes entre si. Também procuraremos demonstrar as diferentes ações da chamada imprensa formal e da imprensa alternativa, que se utilizou, em maior escala, da internet, como meio para divulgar os acontecimentos.

Recuperando o enredo do filme, os eventos que se seguiram à entrada de Sam no museu e, conseqüentemente, a abordagem calculada de Brackett, fez com que a imprensa conseguisse controlar a situação e provocar o sensacionalismo, transformando-a em um evento maior do que realmente o era. Nas manifestações de Junho, algo parecido aconteceu. De início, os jovens lotaram as ruas da cidade de São Paulo em protesto contra o aumento de vinte centavos nas tarifas de ônibus. Acompanhando os passos da imprensa fictícia do filme, a imprensa brasileira tendeu a causar o mesmo sensacionalismo com o fato, chamando as ações de criminosas e os jovens de vândalos e agitadores. Por essa perspectiva, as figuras de Sam Baily e dos manifestantes brasileiros podem ser aproximadas, já que foram igualmente tratados a criminosos, sem que houvesse razão para isso.

No segundo momento, Brackett consegue convencer o homem a falar, objetivando um furo jornalístico, uma reportagem que elevasse novamente sua

carreira. Outras redes de televisão se envolvem e o museu é cercado por curiosos, jornalistas e policiais. Toda e qualquer pessoa que possui algum tipo de ligação com a vida do guarda é entrevistada. A partir daí, a opinião do público sobre Sam se altera. O antes perigoso sequestrador passa a ser visto como o homem comum. Um pai e marido, uma vítima do sistema. Sua crise é entendida como fruto do desespero, pois o que tenta, a todo modo, é garantir o sustento de sua família. Forma-se, então, um acampamento em frente ao museu onde são vendidas camisetas estampadas com o rosto do guarda, tentando torna-lo um herói nacional.

O mesmo aconteceu com as manifestações no Brasil. A imprensa formal (representada pelas grandes redes) começou um discurso semelhante ao do filme, passando a validar o ato dos manifestantes e a condenar a repressão policial. Nesse sentido, as manifestações ganharam destaques em manchetes e especiais por todo o país.

Grande parte da população passou a apoiar os manifestantes e, assim, o termo "O quarto poder" mostrou, aqui, o seu significado. Observando esse claro movimento político feito pela imprensa brasileira em relação às manifestações, pode-se dizer que "é da própria dinâmica do capitalismo, como sistema, a tendência à fragmentação e à efemeridade" (MORETZSOHN, 2002, p. 23). Essa fragmentação da notícia é o explorar ao máximo um detalhe da notícia, como investigar a fundo a vida dos envolvidos no sequestro do museu na ficção, é essa fragmentação que permite ao jornalista ou editor alterar os rumos da notícia, jogar luz sobre falsas sombras para vender mais capas. Pequenos detalhes se tornam eventos midiáticos de grande porte de uma noite para o dia. A notícia é um fluxo para se adequar à lógica de produção contemporânea. Moretzsohn (2002) ao escrever essa frase, com base nas ideias do geógrafo David Harvey⁴, falava da mídia impressa e de sua dominação pelo capitalismo, pois a notícia se torna um produto e a redação, uma fábrica.

Os movimentos são também percebidos nas reações de indivíduos. Em **O quarto poder**, o jornalista Kevin Hollander (Alan Alda) resiste, até perceber que a notícia e a reação do público são fortes. Então, decide tomar parte das entrevistas e das novidades. Fato semelhante ocorreu por aqui. Um jornalista e comentarista

4 "David Harvey é um geógrafo marxista britânico, formado na Universidade de Cambridge. Professor da City University of New York e trabalha com diversas questões ligadas à geografia urbana".

político brasileiro que, a princípio atacou as manifestações, ao ver a reação do público a favor delas decide, por puro jogo político, tomar partido defendendo os levantes.

Por esse motivo, conclui-se que a mídia não estava do lado dos manifestantes, mas sim a favor dos próprios interesses e de interesses políticos disfarçados. Ao perceber tal oportunismo, ocorreu uma onda de repulsa por parte da população à mídia televisiva, com ataques direcionados principalmente à Rede Globo⁵ de televisão, “O povo não é bobo, abaixo a rede Globo!” gritavam os manifestantes.

Por fim, o terceiro momento desse movimento se resume ao relativismo. As notícias passaram a mostrar dois lados: um bom e outro ruim. Dessa forma, a opinião pública também se dividiu. Alguns defendiam a posição dos manifestantes e outros questionavam a validade de suas ações. Mas, como no exemplo do filme relacionado à tentativa de desmoralizar Sam, há uma mobilização por parte da mídia, não mais contra as manifestações, mas contra grupos que estavam inseridos nelas, como foi o caso dos Black Blocks⁶.

Apresentada essa postura adotada pela imprensa formal, é importante trazer para a discussão sua relação com a chamada imprensa alternativa. Entende-se por mídia alternativa, segundo o novo dicionário Aurélio da língua portuguesa, aquela “que adota uma posição independente em relação às tendências dominantes” (FERREIRA, 2010, p.36), nesse caso, estamos falando das mídias como a internet à *cyber* imprensa.

Situemos então o leitor. Durante todo o período de manifestações, houve grande adesão de jovens de classe média à imprensa alternativa, aqui compreendida, como um resultado da atuação dos mesmos grupos de jovens, preocupados com os rumos que a imprensa dera aos acontecimentos e que tomaram para si a responsabilidade de “dizer a verdade” e retratar, com imagens e fotos, outros ângulos do que acontecia além dos ataques às propriedades públicas e privadas, tão importantes para dar suporte ao sensacionalismo das redes de

5 “Rede Globo é uma rede de televisão brasileira, fundada em abril de 1965, na cidade do Rio de Janeiro, pelo jornalista Roberto Marinho.”

6 Black Blocks: grupo anarquista que quebrava lojas com símbolos capitalistas, abrindo brecha para mais uma divisão da opinião pública relacionada aos seus integrantes e às suas ações.

televisão. Nesse sentido, essa imprensa alternativa mostrava, inclusive, a forte repressão policial, até mesmo a protestos que aconteciam pacificamente.

Diferentemente da imprensa formal, a alternativa, especificamente a *cyber* imprensa, não fez grandes movimentos políticos a fim de convencer o público. Apesar dos constantes questionamentos em relação à própria imprensa elitizada e a repressão policial, a *cyber* imprensa utilizou seus meios para mostrar o outro lado da notícia, resguardando para si um certo tom de imparcialidade a imprensa alternativa esteve sempre ao lado dos manifestantes, inclusive como parte ativa em algumas manifestações, mas evitava o sensacionalismo barato, enquanto procurava mobilizar a população exibindo os acontecimentos mas sem se preocupar com os vínculos comerciais com o material que produzia. Um grande exemplo disso é a chamada mídia *Ninja*, que gravava as manifestações por toda a parte e sem parar. Quase sempre, evitando a repressão protegendo as câmeras utilizadas para os registros, mais também sofrendo agressões por parte da polícia. Casos de abusos de autoridades foram registrados pela mídia *Ninja* o que ajudou a garantir, ainda mais, a legitimidade das manifestações e a provocar uma crítica ao papel do Estado sobre a sociedade brasileira. Ampliaram-se, dessa forma, as informações ao público e o acesso às notícias sobre os manifestantes e as manifestações. Um problema apontado aqui é que a imprensa alternativa se tornou, o que podemos caracterizar como superficial, pois, o acesso facilitado à internet e às redes sociais, uma câmera nas mãos e o frenesi de criticar a imprensa formal, fez com que algumas pessoas se julgavam jornalistas e intelectuais, mostrando poucas informações realmente relevantes.

Essa breve apresentação sobre a *cyber* imprensa revela como ela foi importante na definição de posicionamentos, principalmente por parte da juventude tida como reacionária e sem causa durante as manifestações de Junho de 2013, e que se estendeu durante alguns meses. Foi também, e ainda é, um fator importante fator que contribuiu para a queda da máscara da imprensa formal que "esconde outra lógica, que procura encobrir o caráter ideológico e político inerente à atividade jornalística, substituindo-o pela noção de 'serviço prestado ao leitor'" (MORETZSOHN, 2002, p. 12).

O filme **O Quarto Poder**, faz refletir sobre os objetivos da imprensa: informar ou entreter? Num jogo sensacionalista de interesses, percebe-se que vilão ou mocinho Sam foi apenas uma marionete para satisfazer os lucros da imprensa

televisiva, que camuflava um entretenimento através de um discurso aparentemente informativo. É claro que as discussões sobre os temas estão longe de serem encerradas. Esta resenha objetiva, apenas, direcionar essa discussão para esta realidade, longe da pretensão de ser inovadora e sempre atual, ainda menos de ser especialmente conclusiva sobre campos tão amplos das discussões sociológicas, históricas e filosóficas. Para completar, fica a questão presente na fala da filósofa Viviane Mosé (2009) em um especial sobre Frederich Nietzsche, que diz:

[O Nietzsche] ao invés de pensar como todo mundo em sua época que é 'quem tem a verdade?'... Ele olha de longe, que é uma coisa artística do Nietzsche [...] ao invés de perguntar 'isso é falso ou verdadeiro? ', 'isso é verdade ou erro? ' ele pergunta divinamente: para quem e por que é verdade?

FONTE

COSTA-GAVRAS. O **quarto poder (Mad City)**. Estados Unidos: WARNER HOME VIDEO, 1997. 1 vídeo-disco (115 min.): cor.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Alternativa. **Novo Dicionário de língua Portuguesa**. 8 ed. Curitiba: Positivo 2010.

MOSÉ, Viviane. **Especial Nietzsche**. Programa Café Filosófico, TV Cultura, You Tube, 29/03/2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=wszgKT2zS-c>> Acesso em 14 nov. 2013.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

Disponível em: WIKIPÉDIA. **David Harvey**. Atualizado em 25 de novembro de 2013. <http://pt.wikipedia.org/wiki/David_Harvey> Acesso em 26 nov. 2013.

Disponível em: WIKIPÉDIA. **Rede Globo**. Atualizado em 24 de novembro de 2013. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_Globo> Acesso em: 26 nov. 2013.